

UnB vai debater a Constituinte

Seminário começa dia 20, com apoio do Ministério da Desburocratização

"Modo pelo qual se constitui uma coisa, um ser vivo, um grupo de pessoas; organização, formação". Esta é a definição que o professor Aurélio Buarque de Holanda dá à palavra **constituição** no "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", e é este o objetivo do seminário que será realizado a partir do dia 20, na Universidade de Brasília, sob o patrocínio do Ministério da Desburocratização.

A organização da sociedade que se pretende seja o trabalho da Assembléia Nacional Constituinte terá que dar voz a todos os segmentos. E a Universidade de Brasília, com o seminário, coloca-se como ponto de encontro para o entendimento social, a organicidade dos blocos que influem, de maneira particular para aqueles que até o momento não tiveram vez.

Numa preliminar do que será o seminário, foi realizada uma mesa-redonda reunindo professores e alunos da UnB, para discutir o papel da Universidade na Constituinte. Sadi Dal-Rosso, vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, Pedro Demo, secretário-executivo do Ministério da Desburocratização, José Machado, executivo do Programa de Desburocratização, Benício Schmidt, professor de Sociologia da UnB, Maria Lúcia Maciel, professora de Sociologia, Maria Francisca Pinheiro, do Departamento de Sociologia da UnB, e o estudante de história Kleber Chagas, discutiram a questão por mais de duas horas, sob a coordenação do jornalista Marco Aurélio Pereira.



A participação da universidade foi o tema da mesa redonda

Por que essa programação da Universidade de Brasília de debater agora o papel da Universidade no processo da Constituinte?

Pedro Demo — O Programa Nacional de Desburocratização tem-se movido um pouco para o espaço da cidadania organizada e tem tomado como motivação principal de suas ações essa idéia do cidadão organizado. E quando se coloca o momento de uma Constituinte sempre aparece o autor principal da Constituinte que é o cidadão. A Constituinte gira em torno da cidadania, dos direitos, dos deveres, do estatuto básico de uma sociedade baseado no estado de direito. E nós tivemos então a idéia de que a Universidade poderia ser um lugar privilegiado, onde se poderia debater desde o conceito da cidadania até as suas várias formas de organização. Mesmo porque a Universidade tem conquistado nos últimos anos a sua própria organização e com isso tem conseguido eleger seus reitores, e aqui nós temos um caso concreto de uma Universidade que conseguiu eleger seu reitor, temos uma Associação de Professores, onde os próprios professores se organizaram a nível nacional. Nós temos uma expectativa de que a Universidade possa dar um exemplo à sociedade de como debater essas coisas, a importância da organização a importância de um estado de direito, a importância de estabelecer as bases da democracia em cima dessa idéia de direitos e deveres da cidadania como tal. Por isto, nós esperamos do seminário não só uma discussão interna, doméstica das coisas, mais também uma espécie de demonstração à sociedade.

O senhor acha, então, que a Universidade pode desempenhar esse papel, sobretudo de desmistificar a Constituinte, quer dizer, transformá-la em um objeto da mais ampla discussão a nível de toda a comunidade?

Pedro Demo — Nós temos que resgatar a representatividade da Constituinte, e a representatividade não é uma coisa que vem de cima para baixo, mas é uma coisa delegada de baixo para cima. Então, na medida em que a sociedade se organiza de fato, e o professor tem mais condições que outros setores da sociedade de organizar bem, inclusive de discutir com competência esse tipo de coisa. O que é legitimidade? O que é representatividade? O que é participação da base? O que são formas alternativas de planejamento e condução da coisa pública? Qual é o papel do Estado? Qual é o papel da sociedade? Qual é o espaço da sociedade civil? Quer dizer, a sociedade poderia ver como se discute bem essa problemática tão complexa e difícil, e também voltando à idéia da desmistificação, acho que muita gente não sabe o que é Constituinte, espera demais da Constituinte, coloca dentro da Constituinte temas que não são próprios dela.



Professor Benício, o professor Pedro Demo fez uma colocação interessante, de que se acusa muito o Governo de vir com um projeto de discussão da Constituinte de cima para baixo. O senhor acha que esse debate que começa pela Universidade de Brasília, a tendência é ele se alastrar a todo o País, a todas as universidades brasileiras, e se transformar realmente num pólo irradiador de idéias e temas para a Constituinte?

Benício Schmidt — Eu acredito que há coisas interessantes que poderiam ser exploradas exatamente da perspectiva de sua pergunta. Uma delas é transformar a Assembléia Nacional Constituinte numa solução universal dos problemas universais, esquecendo toda a tramitação política que deverá haver no sentido de cercar, condicionar os tomadores de decisão que vão arbitrar os critérios na elaboração da nova Constituição, na medida que eles representem os interesses sociais emergentes na sociedade brasileira. O segundo ponto é que, antes de mais nada, aí eu não sou nada ortodoxo, esse trabalho é um desafio não à sociedade, mas uma tentativa de dar uma resposta à sociedade. Antes de mais nada, essa oportunidade desse evento que nós estamos organizando com a ajuda e patrocínio do Ministério da Desburocratização é um desafio à própria Universidade no sentido de que é muito fácil nós encontrarmos na universidade brasileira segmentos de várias corações políticas e até de correntes teóricas, de que é preciso uma Assembléia Nacional Constituinte, a mais livre e democrática possível. O desafio se põe no sentido de que não se trata de compartilhar de uma consigna geral, sobre a qual existe muito pouca discordância, a não ser em particular o professor Afonso Arinos, que diz que não é função do povo organizar a Lei, mas delegar aos notáveis. Mas isso é uma discussão que também tem razões teóricas e políticas. Mas acredito que, no caso, o principal desafio que nós devemos enfrentar é o fato de que a Universidade está numa encruzilhada para demonstrar sua competência. Se fala muito que os professores e a universidade brasileira em geral estão distantes do povo. As duas coisas são muito abstratas para serem discutidas nesse nível.

Sadi Dal-Rosso — Eu também estou encaminhando discussão semelhante, igual a essa, talvez com menos infra-estrutura do que essa que está sendo propiciada aqui, mas todas com esse empenho de abrir

dentro do professorado a discussão sobre a Carta Magna. E poderia citar vários exemplos que estão ocorrendo. Os debates são frequentes nas grandes universidades do País. Agora tem outro reflexo interno: o próprio processo da democratização está gerando também dentro da Universidade a necessidade de mudanças mais profundas, a questão dos estatutos dos regimentos da Universidade está sendo colocada em discussão nos chamados constituintes internos, estatutos ou coisa semelhante. Então a gente sente uma efervescência em vários lugares do País o que eu acho ainda é que está faltando talvez um pouco mais de organicidade nesse conjunto de discussões de modo que isto possa aparecer como uma força organizada a participar do processo nacional da Constituinte. Isso talvez fique um pouco mais difícil, essa presença, essa representação, à medida em que haja um congresso constituinte, mas não tem dúvida que esse é um espaço que possa ser trabalhado. Esse espaço dá um fortalecimento nas representações efetivas de certas categorias, não só do professorado mais de outras categorias e suas vozes efetivas no processo constituinte. Então eu acho que, em nível nacional está se fazendo alguma coisa; esse trabalho da UnB é pioneiro pelo sentido que ele tem, pela possibilidade de uma infra-estrutura. Agora, as outras universidades também estão carregando alguma discussão e deverá aumentar nos próximos meses.

Professora Maria Francisca, o que vem a ser realmente a Constituinte? E qual é o papel efetivo da Universidade em auxílio às pessoas de modo geral que vão se envolver nesse processo Constituinte?

Maria Francisca — Ape-

sar da Universidade ser um lugar privilegiado de discussão da Constituinte hoje, eu acho que ela não vai substituir, na medida em que essa discussão está sendo feita nas entidades da própria sociedade civil organizada, associações profissionais e sindicais. Acho que a Universidade pode assumir um papel importante, relevante nesse momento, mas nós não vamos substituir a discussão que se faz em toda a sociedade civil a respeito da Constituinte. Inclusive com posicionamentos concretos a partir da discussão dos problemas específicos dessas entidades e tudo mais. Agora, na Universidade eu acho que a gente não pode esquecer os problemas específicos da educação, da educação superior, particularmente, no caso. Então eu acho que a gente tem que vincular a Constituinte à democratização da Universidade, à melhoria da qualidade do ensino e realmente à necessidade da Universidade se ampliar para maior número de pessoas. Então eu acho que temos problemas concretos na educação que precisam ser discutidos. Quer dizer, não vamos ficar fazendo com que a discussão da Constituinte na Universidade polarize a discussão da sociedade, esquecendo de discutir os nossos problemas específicos da educação. Constituição. Acho que isso tudo que vai acontecer daqui até 1986 tem que ser traduzido em propostas concretas a nível do texto educacional e nesse sentido eu acho que a Universidade tem um papel muito importante na discussão da questão educacional.

Lúcia, você acha que a Universidade está preparada para canalizar esse debate hoje?

Maria Lúcia Maciel — Dificil responder: — Eu não sei! Prefiro me dar um

tempo, eu cheguei aqui há pouquíssimo tempo, só há um mês. Eu estava há quatro anos fora do Brasil. O que eu estou vendo, é que não está não! O que acho é que há uma vontade enorme, que vem inclusive por causa da conjuntura do momento, é uma vontade enorme. Acho que falta organização e mobilização em diversos setores, um deles é o setor estudantil, uma coisa que está me impressionando muito nesse período que passei, que foi curto. Mas a idéia, por exemplo, de discutir a Constituinte não parece ser uma idéia que está mobilizando os estudantes. Está mobilizando o corpo docente, está mobilizando outras pessoas, mas a organização estudantil parece-me apática no momento em relação a isso. Eu acho que talvez esse programa nosso seja importante nesse sentido de mobilizar, de levantar a questão pra ver se debate alguma coisa mais a longo prazo e não a questão imediata conjuntural, que seja econômico ou político.

Maria Francisca Pinheiro — Inclusive a Lúcia está se reportando, mas a situação do aluno aqui da UnB, que não está mobilizado não só para a discussão da Constituinte, como ele está desmobilizado de uma maneira geral para outras questões; se tivesse em plenas eleições, como está fazendo para chefe de departamento, para chefia de instituto, quer dizer, a participação do estudantado mesmo a discussão dele, nesse processo está deixando a desejar. Quer dizer, se a gente compara com outros anos em que o estudantado foi vanguarda nas lutas na construção do DCE e tudo mais. Talvez assim, ao nível de País, a situação se fez diferentemente. Acho que a situação da UnB é específica, não dá pra generalizar.

COMUNICAÇÕES DE BRASÍLIA S/A